

CAPOEIRA



REVISTA DE HUMANIDADES E LETRAS

ISSN: 2359-2354

Vol. 9 | Nº. 1 | Ano 2024

Editores

Dr. Pedro Acosta-Leyva.
Dra Juliana Barreto Farias.

Site/contato

<https://revistas.unilab.edu.br/>

Email: leyva@unilab.edu.br

Email: julianafarias@unilab.edu.br

A história de África em livros didáticos vigentes no sistema educativo angolano: O caso do I ciclo do ensino secundário

Jacob Cupata¹

Rosa Cabecinhas²

Isabel Macedo³

Resumo

No período colonial, África foi imaginada pelos europeus como um continente sem História e o sistema educativo visava moldar os africanos aos valores europeus. No pós-independência, verificou-se uma intensificação das correntes de exaltação do contributo da África na História da Humanidade e o seu enquadramento progressivo no sistema educativo, de acordo com as ideologias políticas assumidas nesse período histórico. Neste contexto, iremos analisar no presente artigo como a história de África é representada no I ciclo do ensino secundário angolano (da 7^a à 9^a classe), através da análise de conteúdo dos livros didáticos de História vigentes e dos respetivos programas. Os resultados da análise revelam que os conteúdos que mais se destacam são aqueles relacionados com a escravatura, o tráfico de escravos, a conferência de Berlim, a descolonização e os reinos

¹ lussento@hotmail.com

² / cabecinhas@ics.uminho.pt

³ d3812@uminho.pt

africanos. No que tange às personalidades africanas, na sua maioria são anónimas e, quando nomeadas e/ou ilustradas, o predomínio vai para as masculinas.

Palavras-chave: História de África; representações sociais; livros didáticos; sistema educativo angolano

The history of Africa in current textbooks in the Angolan educational system: the case of the 1st cycle of secondary education

Abstract

In the colonial period, Africa was imagined by Europeans as a continent without history and the educational system aimed to mold Africans to European values. Post-independence, there was an intensification of the currents of exaltation of Africa's contribution to the History of Humanity and its progressive inclusion in the educational system, in accordance with the political ideologies adopted in that historical period. In this context, in this article we will analyze how the history of Africa is represented in the 1st cycle of Angolan secondary education (from 7th to 9th grade), through content analysis of current history textbooks and their respective programs. The results of the analysis reveal that the contents that stand out most are those related to slavery, the slave trade, the Berlin conference, decolonization and the African kingdoms. Regarding African personalities, the majority are anonymous and when named and/or illustrated, the predominance goes to males.

Keywords: History of Africa; social representations; Didactic books; Angolan educational system

1.Introdução

Durante o período colonial, a África e os africanos viram a sua história rasurada pelos grandes impérios coloniais da época, que exaltavam a história das potências colonizadoras em detrimento da dos africanos. Estes foram submetidos a um “processo civilizacional” que visava a enculturação dos valores culturais ocidentais. Essa situação veio a conhecer com o tempo um processo de forte contestação, em que os africanos manifestaram uma resistência à ordem colonial vigente, culminando com as independências das colónias africanas e com uma mudança no modo de olhar em torno da história de África e dos valores culturais inerentes às sociedades africanas e ao seu contributo para o desenvolvimento da história universal. No entanto, apesar da

contestação das representações depreciativas sobre a história da África construídas durante o período colonial, na atualidade, ainda se verifica, nos mais diferentes ciclos de estudo assim como na imprensa, a difusão de uma imagem sobre a África apensa à história ocidental. A mesma tendência é visível nos livros didáticos de história.

No presente artigo faremos a análise da História de África expressa nos livros didáticos do I ciclo do ensino secundário em Angola, usando uma abordagem descritiva e interpretativa. Destacaremos a relação existente entre o livro didático e o programa, para aferirmos até que ponto o programa constitui o elemento fulcral na elaboração dos manuais, análise da organização temática, do nível de inserção da História de África, período histórico, tipos de fontes, assim como outros aspetos organizativos.

Para a consecução desse objetivo utilizamos a análise documental de vários documentos, como livros didáticos e programas. Constituindo uma metodologia usada largamente nas ciências sociais e na investigação histórica, permite-nos descrever/comparar fatos sociais, estabelecendo suas características ou tendências, utilizando técnicas que possibilitam a compreensão da realidade e do potencial criativo do pesquisador (MIANAYO, 2008; PÁDUA, 1997).

2. Algumas considerações sobre as concepções da história de África e seu enquadramento no currículo

A história de África foi tendo ao longo da “sua afirmação” várias concepções, atendendo ao percurso histórico fruto dos contatos tidos com outros povos e, em particular, com a “Europa”, que veio desembocar em diferentes processos, como o tráfico de escravos, a colonização, as lutas de libertação, a conquista da independência e o pós-independência. Estes acontecimentos tiveram repercussões nos diferentes currículos e, conseqüentemente, no enquadramento da história de África nos manuais de história. Durante o período colonial foram-se construindo ideias estereotipadas sobre África e os africanos, colocando-os numa situação de subalternidade, sendo representados como seres inferiores e primitivos. Na construção dessa visão estiveram na base os contributos de alguns comerciantes, exploradores, “missionários”, administradores, militares e, sobretudo, uma classe de “intelectuais” que elaboraram ideologias de “superioridade”, que contribuíram para justificar a pretensa civilização dos africanos pelos europeus.

Os historiadores coloniais profissionais estavam apegados à concepção de que os povos africanos ao sul do Saara não possuíam uma História suscetível ou digna de ser

estudada (KI-ZERBO, 1999, p. 12). Num artigo publicado em 1972, Henri Brunschwig escreveu:

os negros não foram frustrados da sua História, porque estes nunca tiveram História, nem sentiram a necessidade de ter uma [...]. Os negros só descobriram o mundo enquanto escravos [...]. Esta estranha possibilidade faz com que a História de África Negra até ao século XIX seja não somente colonialista, mas ainda epidérmica. (BRUNSCHWIG, 1972 apud BONG, 2014, p. 29)

A teoria acima expressa, de uma forma geral, procurou justificar atos que chocavam com a ética e a moral, evocados em nome da “civilização” e numa altura em que as teorias eurocentristas atingiam o seu “paroxismo”. Keita (2009) agrupa estas teorias pseudocientíficas da seguinte forma:

teorias sobre a inexistência pura e simples da História africana; teorias sustentando uma suposta incapacidade congénita dos africanos para fazer algo digno de realce, [...], sejam intelectuais, espirituais ou materiais; falam também da passividade natural ou congénita do negro; teorias defendendo a impossibilidade de estudar o passado histórico [...] de maneira objectiva por falta de fontes escritas; teorias alegando a inexistência de classes, sobretudo antagónicas e de estado em África antes da chegada dos europeus e teorias de uma África sempre ‘encravada’ dependente do exterior para a sua sobrevivência. (KEITA, 2000, p.15-16)

Os mitos aqui expostos mostram de forma clara a ideia de “submissão” a que se procurou sujeitar os africanos durante o período colonial, que teve repercussões no ápice do sistema colonial, com o surgimento de uma corrente contrária, pelos africanos e não só, para mostrarem a História de África e o seu contributo na construção da História “Universal”. Edem Kodjo escreveu:

“foi aqui, em África, que a História começou. Longe de se tratar de uma afirmação gratuita, esta asserção representa uma realidade científica inegável que se constata ao sulcar o mundo em busca dos vestígios das civilizações primeiras” (KODJO, 1985, p. 309).

Na mesma senda de contrapor os mitos em torno do continente africano, Meinrad Hegba, socorre-se a Cheikh Anta Diop:

reteremos dos testemunhos concordantes e independentes de Heródoto, Diodoro da Sicília, Ibn Batuta, Volney, bem como dos monumentos históricos extremamente explícitos, que homens de raça negra criaram e desenvolveram, nos séculos passados, um elevado grau de civilização,

numa época em que as povoações e as tribos europeias ainda estavam fincadas na barbárie. A reviravolta espetacular das situações operadas desde então, não invalida de modo algum os factos, mas debilitam os fundamentos da teoria arriscada da evolução linear e irreversível das civilizações. Temos, evidentemente, que admitir algumas regressões por vezes ceveiras, rupturas de continuidade e saltos. Restituída a estas pretensões moderadas, a tese defendida por nós já representa um tema (...) de orgulho para os nossos povos. (BONG, 2014, p. 28)

Depreendemos que a forma de interpretação da história de África passou e passa por várias leituras, muitas vezes divergentes nas suas narrativas, nos diversos momentos históricos, opondo aqueles que defendem uma abordagem “eurocêntrica” aos que defendem a abordagem “afrocêntrica”. Esse debate, ainda que de forma indireta, é trazido ao sistema educativo, cujos reflexos são sentidos nos planos curriculares e nos livros didáticos e, no caso em análise, nos livros didáticos de História.

O currículo em Angola foi conhecendo várias realidades de acordo com as políticas educativas adaptadas aos diferentes contextos que se fundamentam nos princípios filosóficos, políticos, antropológicos, históricos e sociológicos, económicos e culturais. As políticas educativas são entendidas, segundo Morgado (2003), como “resultado de um conjunto de selecções efectuadas num quadro plural de valores (ideológicos, culturais, económicos, filosóficos, religiosos) que a sociedade veicula”. O autor argumenta ainda que as políticas educativas são “um meio de operacionalizar as intenções educativas da própria sociedade, entendidas como um quadro orientador básico, génese de toda política educativa” (MORGADO, 2003, p. 37).

A disciplina de História foi sofrendo mudanças nos seus objetivos atendendo às diversas ideologias assumidas nos diversos contextos desde o período colonial ao pós-colonial. No período colonial, a disciplina de História, além dos propósitos que lhe são reservados no plano curricular na formação de habilidades cognitivas, afetivas e psicomotoras, visava também a exaltação do Portugal. Neste contexto, Nsiangengo explicita que

“o currículo estava virado para a transmissão da cultura da classe hegemónica portuguesa. O ensino em Angola é ainda o reflexo do ensino português do Estado Novo: virado para o elitismo, escolástico, eurocêntrico, isento de qualquer dimensão africana” (NSIANGENGO, 1997, p. 73).

Nesta linha de pensamento o MED (1985), diz que a:

escola tudo fazia para destruir a personalidade do colonizado, a sua tradição cultural, a sua identidade, levando ao desprezo do seu próprio passado como povo e a sua organização social, transformando-o a submissão do colonialismo e em imitador servil do modo de vida de pensar do europeu. (MED, 1985, p. 33)

No período pós-independência assistiu-se a uma redefinição dos objetivos, com realce para a exaltação da história de Angola e de África, para a valorização da cultura africana que foi ofuscada durante o período colonial. Nesta perspectiva verificou-se de igual modo uma constante adequação para responder aos novos desígnios. Assim, apontamos alguns, com base nos programas:

- formação de valores universais através do estudo da sociedade da antiguidade até aos nossos dias;
- consolidação da consciência nacional através da descoberta do passado pré-colonial, do estudo da luta desenvolvida pelos povos de Angola ao longo da dominação colonial;
- reencontro da identidade do passado cultural através da recuperação do passado Africano;
- desenvolver a capacidade de análise e síntese através de abordagens científicas da realidade;
- permitir a inserção do(a) aluno(a) na realidade social, política e cultural que o rodeia;
- desenvolver a capacidade de expressão e argumentação dos seus pontos de vista respeitando os dos outros;
- compreender a relatividade e multiplicidade dos valores em diferentes tempos e espaços (INIDE, 2013).

3. História de África nos livros didáticos vigentes no I ciclo do ensino secundário

Torna-se oportuno, antes de falarmos sobre os livros em uso no I ciclo do ensino secundário, tecer breves considerações sobre a importância do manual no processo de ensino e aprendizagem, sendo este, na aceção de Gimero (1991), um potencial produto cultural, pedagógico e didático. Cabral (2005) enfatiza que o manual escolar e o professor continuam a ser as duas faces do prisma através do qual as disposições curriculares são

retratadas e difundidas junto dos alunos, encarregados de educação e outros intervenientes no processo educativo. Apple e Christian-Smith (1991) chegam mesmo a afirmar que o manual escolar participa na construção de ideologias e ontologias, uma vez que o currículo escolar não é neutro, pois este visa legitimar um conhecimento que resulta de uma complexa rede de relações de poder e que luta com aspetos como a classe, a raça, o género e os grupos religiosos.

O livro didático, no processo de ensino aprendizagem e “não só”, desempenha um papel importante na construção e desenvolvimento das habilidades cognitivas, sócio afetivas e psicomotoras por parte dos alunos e constitui um “instrumento de trabalho” para os professores, mediante o qual são traçadas as estratégias para melhor conduzir o processo de ensino aprendizagem e como “concretizador” das políticas educativas expressas no currículo.

A problemática sobre a história de África em livros didáticos é transversal a todos os níveis do ensino geral, na disciplina de história. Para este estudo, selecionamos os livros didáticos do I ciclo do ensino secundário editados pela Texto Editores Lda-Angola, publicados em 2018 e aprovados pelo INIDE⁴. Os da 7^a e 8^a classes são de autoria da Texto Editores, Lda-Angola e o da 9^a classe, de autoria de Júlio Mendes.

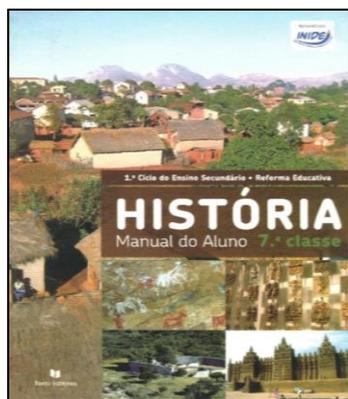


Fig. 1: Manual 7ª Classe. Fonte: Texto Editores (2018a) (reimpresso com autorização)

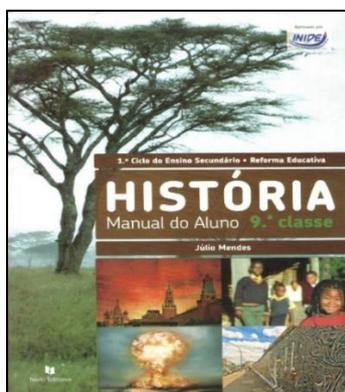


Fig. 2: Manual 8ª Classe. Fonte: Texto Editores (2018b) (reimpresso com autorização)

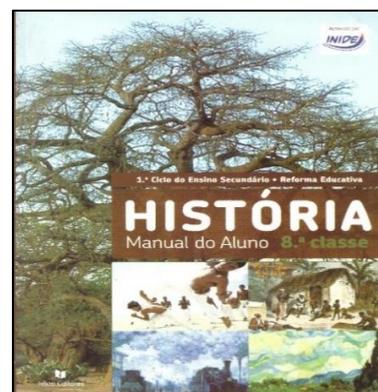


Fig. 3: Manual 9ª Classe. Fonte: Júlio Mendes (2018) (reimpresso com autorização)

Os manuais (isto é, os livros didáticos) possuem uma parte pré-textual (capa, ficha técnica, contracapa e índice); as capas têm uma boa aparência, colorida e atraente,

⁴ Instituto Nacional de Investigação e Desenvolvimento da Educação

representando aspetos tratados nos referidos livros didáticos. A ficha técnica apresenta os principais elementos relacionados com a publicação e o índice estabelece a tabela do sumário, organizado em temas e subtemas. O tema introdutório possui três subtemas: i) apresentação ao aluno, destacando o estudo da sucessão dos acontecimentos e as cronologias, comparação de épocas e acontecimentos; o objetivo, o que se espera do aluno; e apresenta um quadro sinóptico com as principais ideias por tema acompanhado de imagem adequada a cada tema; ii) “organização do teu manual”, fazendo alusão aos seguintes elementos – página de abertura, página de exploração, cenário da época, esquematizando, e mostra o que sabe – com as referidas explicações e revisões, apresentando um quadro sinóptico dos conteúdos abordados no ano anterior e iii) um teste diagnóstico.

Os livros didáticos guardam relação com os programas, visto que os temas constantes nos mesmos são desenvolvidos na sua maioria nos livros, apesar de termos constatado alguns desajustes que não colocam em causa a relação entre ambos. Constatamos de igual modo a existência de coerência na relação entre os objetivos do programa e a sua expressão nos livros didáticos, cuja abordagem retomaremos a seguir. Os temas contidos nos livros didáticos expressam uma sequência de temas de uma forma geral e em particular sobre a história de África, apesar de algumas repetições de temas e conteúdos em diferentes classes e espaços temporais, em alguns casos bastante longos. Espelham uma visão diacrónica e uma visão sincrónica da História da Humanidade.

Verificamos que os livros didáticos não apresentam no início de cada tema o diagnóstico e os objetivos, fazem apenas a apresentação do tema e dos respetivos subtemas e introduzem uma imagem relacionada ao mesmo. Os objetivos, geral e específico, por tema encontram-se nos programas e os mesmos não sugerem as ações metodológicas a serem desenvolvidas por temas. Encontramos nos livros didáticos “secções” no início de cada tema, com a designação de “desafio”, em que se propõe que o aluno, de forma individual ou em grupo, realize trabalho independente. De igual modo, apresentam uma “secção de tarefa” em certos subtemas com perguntas para o aluno.

O livro didático da 7ª classe aborda temas que vão desde as origens até ao século XV d. C., o que permitirá ao aluno obter os conhecimentos essenciais sobre a aventura humana e o seu destino até ao fim da Idade Média (INIDE, 2013). No livro didático da 8ª classe os temas abordados vão desde a expansão marítima europeia no século XV até à revolução industrial iniciada no século XVIII, abordada até ao século XIX. O livro

didático da 9ª classe aborda temas que vão desde a ocupação colonial (século XIX) à descolonização do continente (século XX).

Nos livros didáticos em análise, os temas expostos seguem uma sequência lógica dos acontecimentos, atendendo à diacronia, assim como uma abordagem sincrónica, ao procurar relacionar os acontecimentos. De seguida, apresentamos a tabela abaixo que reflete o nível de inserção da História de África nos livros didáticos.

Tabela 1:

História de África nos livros didáticos do I ciclo do ensino secundário

Temas	Nº páginas	Nº subtemas	Subtemas de história de África	Nº pág. história de África
Livro didático da 7ª classe				
Introdução à história	20	4		
A origem do Homem	44	3	1	7
As civilizações da antiguidade	80	2		57
A Europa feudal	20	5		
A África na idade média (do séc. IV ao XVI)	20	4	4	19
Total	184	18	5	83
Livro didático da 8ª classe				
A expansão europeia e o comércio a escala mundial	52	6		
A era do tráfico de escravos	36	6	1	9
O mundo da idade moderna e a formação de mentalidades	28	4		
As revoluções liberais, a cultura e a ideologia dos séculos XVII e XIX	32	5		
A era industrial	26	4		1
Total	174	25	1	10
Livro didático da 9ª classe				
A ocupação colonial de África	48	3	2	35
A I Guerra Mundial	23	2		7
A revolução socialista e a crise do sistema capitalista internacional	20	3		2
A II Guerra Mundial	22	4	1	3
A Guerra Fria e a evolução do mundo e a desintegração do bloco soviético	16	5		1
A descolonização da Ásia e da África	24	4	3	15
Total	153	21	6	63

Fonte: Manual 7ª classe (2018); Manual 8ª classe (2018); e Manual 9ª classe (2018).

No livro didático da 7ª classe o tema 1 destaca “as fontes da história” com dois subpontos e/ou conteúdos, um que reflete a importância das tradições orais em África, afluindo as particularidades destas para a compreensão da História de África, por seus

povos até certo período serem considerados ágrafos, privilegiando a oralidade na transmissão dos conhecimentos de geração a geração e sobre a investigação histórica em África, explicitando que o seu estudo se mostrou e mostra-se difícil devido a escassez de fontes escritas; a periodização síntese da História de África apenas periodização da História Universal. O tema 2 é dedicado à “África o berço da humanidade”, fazendo uma breve explicação do processo de hominização e destacando África por se ter encontrado, de forma sucessiva, em todas as fases deste processo. Para além desse tema específico, vemos em outros subtemas alguma abordagem de forma contextualizada ao continente africano (arte rupestre e primeiras comunidades) e a realidade angolana (arte rupestre em Angola).

O tema 3 é dedicado às “civilizações da antiguidade” e tem um subponto, “o Egípto”, onde faz-se a abordagem da origem da civilização egípcia, referindo a importância do meio natural, da estrutura política e da sociedade, religião, arte, escrita e ciência no desenvolvimento da humanidade. O tema 5, “a África na Idade Média (do século IV ao século XVI)”, dedica-se ao continente nesse período. Segundo a Texto Editores (2018a), regista-se neste tema a existência de estados organizados, com estruturas políticas e sociais definidas, formando grandes reinos e impérios, com características muito semelhantes (poder político atribuído à figura do rei, sociedades pastorais, agricultura de subsistência e comércio a longa distância, comunidades tribais e aldeãs e influenciados por árabes e europeus). São aflorados exemplos dos grandes reinos africanos dessa época – “Ghana, Mali, Songhai, Benim, Congo e Monomotapa”. Contudo, destaca-se a penetração e a influência do mundo árabe e europeu no continente africano, enquanto “gênese das futuras” relações entre África e a Europa essencialmente.

No livro didático da 8ª classe no tema 1, com seis subtemas, não é contemplado de forma direta nenhum subtema sobre a história de África, contudo, ao abordar “as rivalidades europeias, a conferência de Berlim e a solução das lutas pela ocupação dos territórios coloniais”, reporta ao interesse e às contradições dos europeus em África, vistas aqui como objeto de interesse e disputa, ou seja, de fora, para a acomodação dos propósitos “do capitalismo nascente europeu”. Esta perspectiva está patente noutros subtemas onde África é vista em virtude do “empreendedorismo” europeu que levou ao contato com o continente. Faz uma breve abordagem da conferência de Berlim – em apenas dois parágrafos – e apresenta duas imagens (uma que ilustra os participantes sentados numa mesa e outra que ilustra o “projecto de Cecil Rodhes” e o “projecto do mapa cor-de-rosa”), sem fazer menção aos participantes, agenda de trabalhos e aos

principais resultados. Um breve realce também é dado ao continente africano na abordagem e ao “reflexo do encontro mundial de culturas”, sendo os seus reflexos em África referidos em três parágrafos, destacando-se a religião e a língua.

O tema 2, “A era do tráfico de escravos”, com seis subtemas, inclui um que se refere à história de África, “o desenvolvimento do tráfico e a resistência africana”, e alguns conteúdos enquadrados noutros subtemas de forma indireta; “consequências do tráfico de escravos”, no subponto “em África, o caso particular de Angola” (com aproximadamente uma página), onde se faz referência direta ao continente africano. De um modo geral, o tema retrata a era do tráfico de escravos desde as origens, desenvolvimento e consequências de forma global, e nela o continente africano encontra espaço. No programa de história da 8ª classe justifica-se, desse modo, a importância dos temas que abordam o tráfico de escravos e os vários aspectos a eles relacionados: os seus efeitos sobre o continente africano e as sociedades africanas afetadas pelo tráfico de escravos, a partir do século XV; a presença europeia no período compreendido entre os séculos XV e XX (INIDE, 2013). Analisam-se, de igual modo, as consequências para o continente e, em particular, para Angola. As narrativas sobre o tráfico de escravos apresentam o continente e os africanos numa posição de subalternidade, de dependência, humilhação, e enfatizam as resistências africanas contra o tráfico durante um longo período (século XV-XIX). No entanto, o discurso dos africanos é praticamente “inexistente” nos depoimentos do tráfico de escravos, da escravatura e das resistências.

No tema 5, “a era industrial”, encontramos no subponto “o contributo dos escravos negros” (com aproximadamente uma página), que destaca a importância do “mercado colonial” no processo da industrialização, pois as potências europeias lucravam diretamente com este, visto que vendiam os escravos e os mesmos serviam de mão-de-obra nas plantações e exploração mineira. Também vendiam as produções agrícolas das plantações das colónias e os minérios que aí extraíam, por um lado, e os produtos manufaturados europeus nas colónias, por outro lado. Estes fatores levaram à acumulação primitiva de capitais, por parte das potências “europeias” da época que participaram do processo, tendo sido decisivos para a revolução industrial. Com a revolução industrial, África passa a ser fornecedora de matérias-primas para a indústria nascente na Europa, que beneficiou com o mesmo para o seu desenvolvimento industrial e África ficou à margem da mesma.

No livro didático da 9ª classe, o tema 1, com três subtemas contempla dois subtemas dedicados à história de África. O tema aborda o continente africano, visto em

larga escala numa perspectiva “exógena”, ou seja, fala do continente através dos contatos da Europa com a África, apenas no primeiro subtema, “Panorâmica das sociedades africanas nas vésperas da ocupação”, procura fazer um retrato da organização dos reinos africanos de forma “endógena”, mas rapidamente é introduzida nela a presença e interferência europeia nas sociedades africanas. Como refere Mendes, “a presença europeia acabou por minar o esforço de África para se desenvolver” (MENDES, 2018, p. 17). Os outros dois subtemas, “fatores da expansão europeia” e “as explorações geográficas em África”, colocam em evidência a abordagem da História de África a “reboque” do protagonismo europeu e do seu capitalismo nascente. A exemplo do subtema “a Conferência de Berlim e suas consequências”, onde África é objeto de discussão, dando-se o ponto de partilha para África, tratado tendo em conta os interesses das potências “europeias da época”. O subtema “a política colonial portuguesa” e os seus subpontos abordam de forma sucessiva as políticas adotadas pela administração colonial das colónias portuguesas em África, e em particular em Angola.

No tema 2, “a I Guerra Mundial”, encontramos no subponto “África na I grande Guerra Mundial (1914-1918) e o despertar e consolidação do nacionalismo em África”, a participação e os reflexos da I Guerra Mundial no despertar do nacionalismo africano. Constata-se a ausência de África como palco da I Guerra em geral e em particular da região da África Austral do Sudoeste Africano, hoje Namíbia e Tanganica, hoje Tanzânia, que levou ao envolvimento das colónias de Angola e de Moçambique na guerra nas regiões fronteiriças destas. Faz apenas no parágrafo introdutório uma breve menção: “assinalamos aqui a intervenção do exército francês e britânico no Togo, Camarões, Tanganica e Sudoeste africano (Namíbia), então colónias alemãs. Nos dois últimos territórios, Portugal interveio por fazer fronteira com as suas colónias, nomeadamente Angola e Moçambique” (Mendes, 2018, p.71). Tal facto pode dever-se à escassez de informações (bibliografia) sobre o assunto. O tema 3 “A Revolução socialista e a crise do sistema capitalista internacional”, encontramos um subponto sobre “as colónias africanas e asiáticas”, dando luzes ao impulso da revolução socialista para o recrudescimento do nacionalismo.

No tema 4, “a II Guerra Mundial”, encontramos o subponto “África na II grande Guerra Mundial (1939-1945); suas consequências económicas, sociais e políticas”, enfatizando a “importância” de África para as potências coloniais nos domínios económicos e a sua “relutância” no pós-guerra na dominação colonial das suas colónias em África, o que veio “acirrar” a tomada de consciência nacionalista africana. O tema 5,

“a Guerra Fria, a revolução do mundo e a desintegração do Bloco Soviético”, aborda no subponto “os movimentos dos Não-Alinhados”, em uma página, o contributo destes na condenação do colonialismo.

Verificámos que no tema 6, “a descolonização da Ásia e da África”, com quatro subtemas, três dedicam-se à História de África. A abordagem feita sobre África é predominantemente “endógena”, os factos são vistos a partir dos próprios africanos que se manifestam contra a ordem colonial estabelecida, rumo à descolonização, sem pôr de lado o contexto internacional da época e a sua influência neste processo.

Olhando para a distribuição temática – por temas e subtemas, número de páginas dedicadas à História de África – constante da tabela acima e de sua análise, podemos aferir que a História da África na 7ª classe é representada a 45%. Na 8ª classe, a História da África é representada a 6%, e na 9ª classe ocupa um espaço de 41%. No final, os livros didáticos apresentam bibliografia relevante, incluindo algumas referências recentes, entre os anos 2000 a 2014, e referências a obras clássicas, que, apesar de serem de anos anteriores, estão ajustadas aos temas abordados. Contudo, constatámos que grande parte da bibliografia foi editada no exterior do continente, ou seja, na Europa, e uma minoria em África. A bibliografia apresentada “pode” servir de fonte alternativa para professor e alunos consultarem e aprofundarem os conteúdos.

Quanto aos períodos da História de África abordados nos livros didáticos analisados, de um modo geral, enquadram-se num longo período que vai das “origens, idade Antiga” à descolonização de África e Ásia, idade Contemporânea. Os temas sobre a História de África se enquadram na “periodização da História de África” adotada por Ki-Zerbo (1999): na 7ª classe nas civilizações paleolíticas, revolução neolítica e suas consequências, revolução dos metais e nos séculos de reajustamento; na 8ª classe, “nos séculos de reajustamento”, abordando o tráfico de escravos; e na 9ª classe, na “ocupação europeia e a reação africanas até ao movimento de libertação após a II Guerra Mundial”, abordando também o tráfico de escravos. Na aceção de Vidrovitch (2004), enquadra-se ainda na 7ª classe o “aparecimento de seres humanos”, “surgimento político do Egipto faraônico e sua história”, “a expansão da agricultura e da metalurgia do ferro” e na 8ª e 9ª classes, a “chegada dos portugueses e ascensão da cabotagem mercantil nos séculos XV e XVI” e “período negro, acentuando pelos impérios muçulmanos e o tráfico de escravos” e na “ocidentalização do continente”. Consideramos que existe um hiato considerável no que diz respeito à abordagem da História de África, se atendermos que essa abordagem se situa num extenso período temporal, fazendo com que seja feita de

forma “salteada”, e que, apesar da sequência temporal, os fatos tratados tenham pouca consistência.

4. Iconografia sobre a história de África nos livros didáticos do I ciclo

Nos livros didáticos em análise, verificamos uma diversidade iconográfica – mapas, figuras, imagens, pinturas e barras cronológicas – de acordo as temáticas abordadas sobre a história de África. Na sua maioria, coloridas e de boa qualidade, com grandes potencialidades de despertar, motivar e contribuir para a aprendizagem, criando em certos casos uma imagem representativa dos factos históricos que ocorreram em épocas passadas. Assim, a título de exemplo, apresentaremos e analisaremos algumas iconografias ligadas aos conteúdos sobre a História de África.

Os livros didáticos apresentam algumas personagens que contribuíram nas pesquisas históricas e aquelas que foram os principais atores de algumas civilizações, sob o rótulo de “quem foi”. A figura 4, do contador de histórias africano, ilustra a importância das tradições orais para o estudo e conhecimento da História de África. Os mesmos são os grandes conservadores da memória coletiva e os principais responsáveis pela transmissão, de geração em geração, da sua história.



Figura 4: “Contador de história”

Fonte: Texto Editores, 2018a, p.19 (reimpresso com autorização).

Verificámos, no entanto, que o tema dedicado a “África na idade média” na 7ª classe não traz as principais figuras ligadas à fundação e organização dos reinos abordados, mas apresenta imagens com pessoas anónimas, em atividades laborais em grupo, representadas pelos ferreiros do Congo e pelo trabalho na mina de ouro do Ghana, como ilustrado nas imagens abaixo.



Figura 5: Ferreiros, Congo

Fonte: Texto Editores, 2018a, p.179 (reimpresso com autorização)



Figura 6: Trabalho na mina de ouro (Ghana)

Fonte: Texto Editores, 2018a, p.183 (reimpresso com autorização)

Duas mulheres são apresentadas como tendo-se destacado nas resistências contra o tráfico de escravos e a escravatura. Trata-se de duas mulheres guerreiras, a rainha Njinga Mbandi (figura 7) e Tereza de Benguela (figura 8). A “primeira resistiu contra a ocupação e o tráfico de escravos (2018b, p. 79)” e a segunda “liderou com bravura no Mato Grosso-Brasil, no Quilombo do Quarinterê, a resistência à escravidão” (2018b, p. 80).



Figura 7: Rainha Njinga Mbandi

Fonte: Texto Editores, 2018b, p. 79 (reimpresso com autorização)



Figura 8: Tereza de Benguela

Fonte: Texto Editores, 2018b, p. 80 (reimpresso com autorização)

Destaque merecem as grandes obras arquitetônicas e de organização dos espaços com construções megalíticas de admiração e orgulho na atualidade, se olharmos pelos recursos e o desenvolvimento da ciência e da técnica naquela altura, nos casos possíveis desta análise e noutros fruto de conhecimentos e práticas acumuladas. As manifestações artísticas e culturais estão de igual modo representadas. Abaixo algumas figuras representativas:

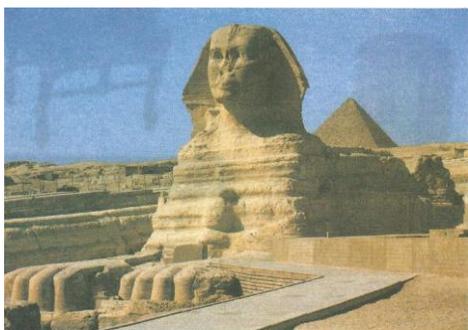


Figura 9: “Esfinge de Gizé e pirâmide a fundo”

Fonte: Texto Editores, 2018a, p.95 (reimpresso com autorização)

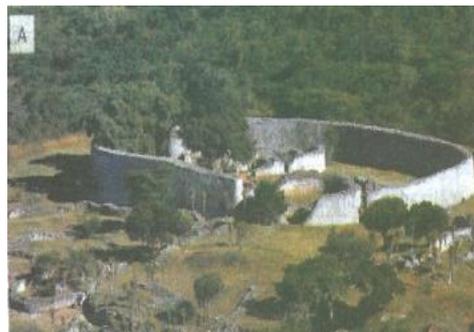


Figura 10: “Grande casa de pedra” (Zimbabwe)

Fonte: Texto Editores, 2018a, p.190 (reimpresso com autorização)

Destacamos a figura 11, que ilustra os primeiros contatos entre europeus e africanos, remetendo para uma clara assimetria de poder, visível nas posições corporais e na indumentária dos africanos e dos europeus. Na comitiva europeia dá-se destaque ao missionário que indica a difusão do cristianismo em África. A figura 12 representa as dificuldades vividas pelos europeus nas explorações geográficas no interior de África, devido à oposição dos africanos que em muitos casos resultou em conflitos.



Figura 11: 1º contacto em África entre Europa e África. Fonte: Mendes, 2018, p. 12



Figura 12: “Ataque e destruição da expedição alemã”. Fonte: Mendes, 2018, p. 16

Em relação à era do tráfico de escravos negros, encontramos uma diversidade iconográfica que retrata as origens e desenvolvimento deste processo. A primeira retrata a forma como os africanos eram capturados nas zonas do interior e não só e levados aos locais de comercialização e embarque dos escravos. Podemos observar na figura 13, a forma desumana como os africanos eram apanhados e levados, amarrados nos antebraços, pescoço, em alguns casos, e noutros com cangas para controle e evitar fugas. Observamos também que não eram poupadas as mulheres e as crianças. Outro elemento a destacar tem

a ver com o transporte e os castigos a que eram sujeitos em caso de resistência, conforme figura 14.



Figura 13: Captura e transporte de escravos

Fonte: Texto Editores, 2018b, p. 64 (reimpresso com autorização)



Figura 14: Escravos no porão de um negreiro

Fonte: Texto Editores, 2018b, p. 69 (reimpresso com autorização)

O livro didático procura criar representações sobre o “comércio triangular”, que envolveu três continentes (Europa, África e América), através do mapa mundo ilustrando este comércio, bem como do mapa dos principais setores do tráfico em África.



Figura 15: Setores do tráfico

Fonte: Texto Editores, 2018b, p. 71 (reimpresso com autorização)

Em relação às rivalidades europeias em África e à Conferência de Berlim, destacamos a figura 16, que ilustra a Conferência de Berlim, retratando os participantes na mesma, e a figura 17, que ilustra o projeto de Cecil Rhodes, que constitui um exemplo claro das ambições das potências europeias no continente africano e, nesta, de forma particular, alude-se ao projeto inglês de ocupar e/ou ligar Cabo ao Cairo.



Figura 16: Conferência de Berlim

Fonte: Texto Editores, 2018b, p. 49 (reimpresso com autorização)



Figura 17: Projeto de Cecil Rhodes

Fonte: Texto Editores, 2018b, p. 49 (reimpresso com autorização)

Quanto à descolonização e à luta contra a segregação racial, destacamos as figuras 18 e 19 abaixo. A primeira representa os guerrilheiros africanos do Partido Africano para Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), que significa que para a emancipação das colônias portuguesas foi necessária a “guerra de libertação”, e a segunda representa jovens apoiantes do Congresso Nacional Africano (ANC) na África do Sul.



Figura 18: “Guerrilheiros do PAIGC”

Fonte: Mendes, 2018, p.142 (reimpresso com autorização)



Figura 19: “Liga dos jovens do ANC”

Fonte: Mendes, 2018, p. 143 (reimpresso com autorização)

Conclusões

Os livros didáticos em análise têm a mesma editora, dois o mesmo autor (Texto Editores) e outro diferente (Júlio Mendes), tendo sido publicados em 2018. Na parte inicial fazem a apresentação do manual, o que é um indicador importante por constituir o primeiro instrumento de fomento da autonomia do aluno na utilização do mesmo, permitindo-lhe ter uma visão geral da sua organização e da maneira como utilizá-lo, para dele tirar melhor proveito para a construção dos seus conhecimentos.

Os livros didáticos em análise apresentam um conjunto de recursos, tais como documentos, imagens, gráficos, mapas, esquemas entre outros, sendo que não aparecem todos na mesma proporção nos manuais analisados e os que mais sobressaem são as imagens. Verificámos que as imagens selecionadas guardam equilíbrio com o desenvolvimento dos conteúdos a elas associados, contribuindo desta forma para a construção e consolidação das representações sobre a História de África. Contudo, constatámos que na sua maioria servem para justificar e confirmar os conteúdos expostos sobre um determinado tema, inspiram pouco comparações e interpretações, a fim de que o aluno faça analogias.

Da análise feita aos livros didáticos do I ciclo do ensino secundário e aos conteúdos neles constantes sobre a História de África, verificámos que estes reportam ao período que vai desde as “origens do homem” (idade antiga) até à descolonização de África (Idade Contemporânea). Nos períodos acima referidos os conteúdos que mais se destacam são os relacionados ao tráfico de escravos e à escravatura e à conferência de Berlim, abordados na 8ª e 9ª classes, de forma sequencial, sendo que na classe subsequente procura-se consolidar e aprofundar os referidos conhecimentos. Alguns assuntos da história de África nos livros didáticos de História do I ciclo do ensino secundário são abordados de forma integrada nos temas da História “Universal”, outros são mais relacionados com o protagonismo europeu em África. Em termos percentuais, o manual escolar que mais aborda temas sobre o continente africano é o da 7ª classe com 45% das páginas e o que menos aborda estes temas é o da 8ª classe com 5,6% das páginas.

Da análise feita à bibliografia constante nos manuais verificámos que a maioria das referências bibliográficas corresponde a livros editados fora do continente africano, cuja aquisição é difícil, mesmo por parte dos professores. De referir ainda que essas obras não se encontram disponíveis nas bibliotecas escolares para consulta, o que dificulta o trabalho autónomo de professores e estudantes. No que toca à iconografia o padrão é consoante com o verificado em outros estudos sobre as imagens nos livros didáticos em outros países africanos (e.g. CABECINHAS & LAISSE, 2021; CHIPONDA & WASSERMANN, 2015).

O ensino da história de África e as pesquisas sobre a mesma, necessitam de uma contínua descolonização, que, na perspetiva de Chakabraty (1997), passa por pensar o “universalismo” a partir de experiências locais, ou seja, a partir de reflexões locais sobre

a forma e experiências de fazer história como fundamentos da emancipação conceitual. Neste sentido “urge” transformar a educação e em particular os livros didáticos de história em um veículo de descolonização do conhecimento e do ensino da história de África.

Referências bibliográficas

- APPLE, Micheal & CHRISTIAN-SMITH, Linda. *The politics of the textbook*. New York, Routledge, 1991.
- BONG, Bwemba. A ruptura da consciência histórica africana: o principal obstáculo para o renascimento africano. In DIOP, Babacar Mbaye e DIENG, Doudou. (Org.) *A consciência histórica africana*. Luanda: Edições Mulemba; Ramada: Edições Pedagogo, 2014.
- CABECINHAS, Rosa & LAISSE, Sara. Quem Quer Ser apagada?" Imagens de mulheres em manuais de história no ensino em contexto Moçambicano. *Vista*, 8, 1-24, 2021. Disponível em <https://doi.org/10.21814/vista.3517>
- CABRAL, Marianela. *Como analisar manuais escolares*. Lisboa: Texto Editores, 2005.
- CHAKRABARTY, Dipesh. Postcoloniality and the artifice of history. Who speaks for the Indian pasts? In: GUHA, R. *A subaltern studies reader 1986-1995*. Minneapolis (MN): University of Minnesota Press, 1997.
- CHIPONDA, Annie & WASSERMANN, Johan. An analysis of the visual portrayal of women in junior secondary Malawian school history textbooks. *Yesterday & Today*, 14, 208–237, 2015. Disponível em <https://doi.org/10.17159/2223-0386/2015/nl4a9>
- COQUERY-VIDROVITCH, Catherine. *A descoberta de África*. Lisboa: Edições 70, 2004.
- GIMENO, Sacristián José. *Teoría de la enseñanza y desarrollo del currículo*. Madrid: Anaya, 1991.
- INIDE. *Programa de História -7ª, 8ª e 9ª classe I ciclo do ensino secundário*. Editora Moderna, 2º Ed., 2013.
- KEITA, Boubacar Namory. *História da África negra*. Luanda: Texto Editores, 2009.
- KI-ZERBO, Joseph. *História da África negra*. Vol. II. Portugal: Publicações Europa-América, 3ª ed., 1999.
- KODJO, Edem. *Et, demain l’Afrique*. Paris, Stock, 1985.
- MAGALHÃES, Justino. Um apontamento para a história do manual escolar entre a produção e a representação. In CASTRO, Rui, RODRIGUES, Angelina, SILVA, José et al (Eds.), *Manuais Escolares – Estatuto, Funções, História*. Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho, 1999, pp. 279-301.
- MAIA, Cristina. *Guerra Fria e manuais escolares – distanciamentos e aproximações - um retrato em duas décadas de manuais escolares europeus (1980-2000)*. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2010.
- MED. *Metodologia do Ensino da História*, (C.I.P). Luanda, 1985.
- MENDES, Júlio. *História 9ª classe*. Luanda, Texto Editores, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. 11. ed., São Paulo: Hucitec, 2008.

MORGADO, José Carlos. *Processos e práticas de (re)construção da autonomia curricular*. Tese (Doutoramento) – Universidade do Minho, Braga. Policopiado, 2003.

NSIANGENGO, Pedro. Currículo de História no ensino básico angolano - influências, divergências e problemas actuais. Dissertação (Mestrado em Análise Social e Administração da Educação). Universidade de Aveiro, Aveiro, 1997. Disponível em <http://hdl.handle.net/10773/17436>.

PÁDUA, Elisabete Matallo Marchesini de. O processo de pesquisa. In. *Metodologia da pesquisa: abordagem teórico-prática*. Papirus. Coleção Práxis, 1997, pp. 29-89.

TEXTO EDITORES. *História 7ª classe*. Luanda: Texto Editores, 2018a.

TEXTO EDITORES. *História 8ª classe*. Luanda: Texto Editores, 2018b.